

NOS CONFINES DO SUJEITO ALGORÍTMICO: UM DESAFIO ÉTICO-EPISTEMOLÓGICO PARA A PSICANÁLISE?

IN THE CONFINES OF THE ALGORITHMIC SUBJECT: AN ETHICAL-
EPISTEMOLOGICAL CHALLENGE FOR PSYCHOANALYSIS?

EN LOS CONFINES DEL SUJETO ALGORÍTMICO: ¿UN DESAFÍO
ÉTICO-EPISTEMOLÓGICO PARA EL PSICOANÁLISIS?

Gabriel Inticher Binkowski¹

Vinícius Fantini Marques Roja²

Resumo: A partir da emergência dos modos de relação contemporâneos entre usuários e mídias digitais e suas consequências para o entretenimento e cuidado em saúde mental, o presente artigo visa, como objetivo principal, a desvelar essas interações a partir da análise política e psicanalítica lacaniana. Com uma metodologia nesta sustentada, as discussões erigidas decorrem dos efeitos subjetivos observados em fontes bibliográficas científicas, jornalísticas e informativas cuja temática concerne à inserção da tecnociência no circuito de demandas estruturadas a partir do sujeito. Como hipótese, estabelece-se a suposição de saber, um eixo simbólico comum às interações estudadas. Como resultados da discussão, percebe-se que os mecanismos do capitalismo de vigilância em seu caráter antecipatório e personalizado contribuem para eleger as plataformas digitais como um lugar de saber e promover a suposição de um sujeito algorítmico, ponto êxtimo que mantém-se a partir do ideal do eu do usuário e a partir do qual repercutem os efeitos imaginários da transferência: a tapeação e o amor. Conclui-se que o lugar de onde a tecnologia responde às demandas do sujeito não permite o manejo da transferência como artifício para o tratamento e constitui o meio pelo qual o sujeito enreda-se ao algoritmo.

Palavras-chave: Psicanálise. Tecnologia. Transferência. Algoritmo.

Abstract: From the emergence of contemporary modes of relationship between users and digital media and their consequences for entertainment and mental health care, this article aims, as its main objective, to unveil these interactions through political and Lacanian psychoanalytic analysis. Through a methodology based on the latter, the discussion starts from the subjective effects observed in scientific, journalistic, and informative bibliographic sources whose themes concern the insertion of technoscience into the circuit of demands structured from the subject. As a hypothesis, the assumption of knowing is established as a common symbolic axis in the studied interactions. As a result of the discussion,

¹ Professor no Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4908-9221>. E-mail: binkowski@usp.br

² Psicólogo e Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-9473-1487>. E-mail: vinicius.fmroja@gmail.com

it is perceived that the mechanisms of surveillance capitalism in its anticipatory and personalized character contribute to electing digital platforms as a place of knowledge that promotes the assumption of an algorithmic subject, an utmost point that remains from the user's ego ideal and from which the imaginary effects of transference resonate: deception and love. Therefore, the place from which technology responds to the demands of the subject does not allow the transference to become an artifice for treatment and constitutes how the subject becomes entangled with the algorithm.

Keywords: Psychoanalysis. Technology. Transference. Algorithm.

Resumen: A partir de la emergencia de los modos contemporáneos de relación entre usuarios y medios digitales y sus consecuencias para el entretenimiento y el cuidado en la salud mental, el presente artículo tiene como objetivo principal desvelar estas interacciones desde el análisis político y psicoanalítico lacaniano. Con una metodología sustentada en esto, las discusiones erigidas surgen de los efectos subjetivos observados en fuentes bibliográficas científicas, periodísticas e informativas cuya temática concierne a la inserción de la tecnociencia en el circuito de demandas estructuradas a partir del sujeto. Como hipótesis, se establece la suposición de saber, un eje simbólico común a las interacciones estudiadas. Como resultados de la discusión, se percibe que los mecanismos del capitalismo de vigilancia en su carácter anticipatorio y personalizado contribuyen a elegir las plataformas digitales como un lugar de saber y promover la suposición de un sujeto algorítmico, punto culminante que se mantiene a partir del ideal del yo del usuario y a partir del cual repercuten los efectos imaginarios de la transferencia: el engaño y el amor. Se concluye que el lugar desde donde la tecnología responde a las demandas del sujeto no permite el manejo de la transferencia como artificio para el tratamiento y constituye el medio por el cual el sujeto se enreda en el algoritmo.

Palabras clave: Psicoanálisis. Tecnología. Transferência. Algoritmo.

INTRODUÇÃO: CAMPO DE DISCUSSÃO E O VELHO DESEJO DE ENCONTRAR UM OUTRO QUE REALMENTE ME ENTENDA

O presente artigo visa a atravessar algumas das questões que vêm se apresentando a partir da relação entre seres humanos e as novas tecnologias digitais, particularmente no ramo do entretenimento e da conexão deste com o sofrimento sociopolítico (ROSA, 2016) e a psicopolítica (HAN, 2020), no qual as perspectivas de uma abordagem clínica psicanalítica tornam possíveis posicionamentos a propósito da ordem ética e epistemológica que, como hipótese, consideramos decisivos para a localização da psicanálise enquanto disciplina fundamental da relação entre psiquismo, diversidade tecnodigital e políticas de subjetivação.

Essa discussão pertence ao campo científico denominado humanidades digitais e a identificamos como partícipe desse movimento de pesquisa e construção de saberes, uma vez que, ao aplicarmos a epistemologia clínica psicanalítica e sua ética à tecnociência e suas vicissitudes, vamos ao encontro da definição proposta por Pierre Mournier em seu "Manifesto das humanidades digitais": "uma transdisciplina, portadora dos métodos, dispositivos e das perspectivas heurísticas ligadas ao digital no domínio das ciências humanas e sociais" (MOURNIER, 2010, s.p., tradução nossa).

A relevância em inserir os saberes aqui construídos nos debates que ligam as ciências humanas à tecnologia consiste em integrar a psicanálise aos campos de pesquisa interdisciplinares nacionais e internacionais, tal como verificar o modo pelo qual “as plataformas de mídia contemporâneas reproduzem a hegemonia ideológica na nova era de crise do capitalismo e as novas formas emergentes de subjetividade” (FLISFEDER, 2022, p. 2, tradução nossa).

Entre as plataformas e suas respectivas interações com seres humanos, foram elencados exemplos e ilustrações contemporâneas cuja lógica neoliberal é sustentada por relações imaginário-simbólicas de suposição de saber e desejo de reconhecimento, a partir de nossas hipóteses e revisão bibliográfica. Cabe salientar que há uma diversidade histórica e antropológica da relação entre seres humanos e máquinas, passando por movimentos como o ludismo e a destruição de máquinas como estratégia de intervenção política e até mesmo a fascinação por máquinas e dispositivos que pareciam capazes de realizar atividades humanas ou mesmo demonstrassem capacidades sobre-humanas.

Um exemplo relevante aparece na narrativa *O jogador de xadrez de Maelzel*, escrito por Edgar Allan Poe (POE, 1981), no qual o contista e poeta estadunidense descreve um suposto encontro com um autômato fraudulento que atravessou os Estados Unidos no século XIX, gerando admiração e, também, suspeitas, *O Turco*. Um dos argumentos de Poe indica uma importante pista para a hipótese de se tratar de uma fraude: a máquina cometia erros. Tal assunção mostrou-se verdadeira porque depois descobriu-se que a fraude se operava por meio da presença de uma pessoa escondida numa caixa onde supostamente se encontrava o mecanismo de funcionamento. O autômato era, portanto, apenas um jogador de xadrez disfarçado em meio às supostas engrenagens.

No entanto, o que nos interessa no exemplo de *O Turco* passa pela desconfiança erigida por Poe: a máquina cometia erros, levando-o a suspeitar de que se tratava de uma fraude. Essa questão, se as máquinas e inteligências artificiais erram, apareceu como um importante argumento do clássico artigo “Computing machinery and intelligence” (TURING, 1981), no qual o matemático Alan Turing ressitua a questão “As máquinas podem pensar?” elencando argumentos filosóficos, teológicos e técnicos contrários a essa possibilidade. Um dos argumentos levantados pressupõe entender uma diferença entre *erros de funcionamento* (falhas elétricas, mecânicas, de código), que são bastante comuns nesses artefatos construídos por humanos, e os *erros de conclusão*, como quando uma máquina, que funciona dentro de certas lógicas e codificações representáveis a partir de um certo design, produz erros na sua saída, como em cálculos, sentenças, etc., mostrando que houve algum tipo de falha indutiva.

Ao levantar essas e outras formas de erro, Turing descreveu possibilidades de pensar em *máquinas abstratas*, ou seja, dispositivos que existem apenas em nossas conjecturas e que, desse modo, não poderiam sofrer de *erros de funcionamento*. Assim, uma de suas indicações foi a de que a resposta para sua pergunta, “As máquinas conseguem pensar?”, guarda em seu âmago uma resposta antropológica: supõe-se que máquinas podem pensar se não conseguirmos distinguir o comportamento de um autômato ou de um dispositivo virtual (como um aplicativo) daquele produzido por um humano. Tal consideração levou o matemático inglês a conceber o famoso experimento mental *o jogo da imitação*, que cravou seu nome na história como teste de Turing: um humano dialogando com duas interfaces de texto diferentes (como se dá num chat) está diante de um humano (usando outra máquina para conversar por texto) e um programa de produção de textos em forma de diálogo; caso o humano não fosse capaz

de distinguir qual dos conversadores é o outro humano e qual é um programa imitando um humano, isso poderia ser considerado como uma indicação da capacidade de um programa escrito em código de se passar por humano, imitando seu comportamento – ao menos na escrita.

Vejamus que o raciocínio proposto por Turing carrega um certo tom solipsista: não sabemos se a máquina ou o programa é realmente capaz de pensar, porém, se ele conseguir se passar por humano para outro humano, já estamos em evidência de uma inteligência artificial capaz de produzir respostas autônomas e, mesmo, de imitar o comportamento humano, adaptando-se às modulações temáticas, semânticas e inclusive a um estilo dado a partir do contexto dialógico do ser humano com o qual se interage. Porém, a dimensão da evolução, não apenas das máquinas artificiais e digitais, foi imensa nas oito décadas transcorridas desde as proposições de Turing, evidenciando-se que estamos antropologicamente cada vez mais adaptados a conviver com máquinas e aplicativos *como se fossem inteligentes e capazes de se relacionar conosco* – entrando na seara do que Wittgenstein chamaria de um jogo de linguagem que pode ser entendido como uma *forma de vida* (WITTGENSTEIN, 2014). Mais ainda, consideramos que já adentramos uma digitalização da vida que vai muito além de simplesmente entendermos estes artifícios como próteses para nossos sistemas cognitivos, sensoriais, perceptivos e mnemônicos – alguém aí ainda consegue lembrar de um número de telefone?

Com efeito, estamos menos interagindo com programas e inteligências artificiais do que experimentando um processo de nos tornarmos ciborgues, realizando – nossas – operações mentais com e através de tais artifícios digitais e dependendo destes para lembrar, sentir, pensar, julgar e decidir. É fato que seguidamente confiamos mais no que está registrado em nossos celulares do que em nossas memórias e impressões. Isso nos leva a uma questão ainda mais aterradora: não apenas temos dificuldades em perceber quando e como máquinas erram, cometem injustiças – visto que seus programadores são humanos e, logo, escrevem os códigos com certos vieses importantes, como bem o atestam os aplicativos de reconhecimento facial –, mas também vivemos constantemente uma impressão de que os algoritmos com os quais interagimos sabem mais – e melhor! – sobre nós do que nós mesmos, como se eles funcionassem como uma escotilha para nossa vida psíquica, nossos desejos, gostos, sonhos e possibilidades. A propósito dos efeitos dessa interação, falaremos logo mais sobre a hipótese do *sujeito algorítmico*, contudo, ainda precisamos descrever um tanto dessas modalidades de interação.

O primeiro caso concerne à plataforma de *streaming* musical Spotify e seus recursos personalizados como, por exemplo, o Spotify Wrapped. Neste, definido em seu website como “o hábito de *streaming* que definiu o que você escutou em 2023” (SPOTIFY, 2023, tradução nossa), a plataforma oferece um panorama acústico anual personalizado: seus gêneros, artistas e músicas favoritos, entre outras funções disponíveis. Trata-se, segundo Manohar (2023), de uma campanha publicitária, criada em 2015, responsável por aumentar em 20% os downloads da plataforma e por mais de 100 milhões de compartilhamentos em redes sociais. Seu alicerce é a coleta, modelagem e distribuição de dados comportamentais para diferentes propósitos, por meio de inteligências artificiais. Nestes últimos anos, como experiência pessoal, é notável verificar o quanto nos últimos dias de novembro – a campanha costuma ser liberada nos aplicativos nos primeiros dias de dezembro – é aguardada de forma oracular por conhecidos e desconhecidos virtuais, que, em suas redes sociais, notadamente

o Instagram, tratam da revelação da compilação algorítmica de seus metadados de uso do serviço de *streaming* como um verdadeiro diagnóstico de seus gostos musicais e de sua relação com produtos de áudio como *podcasts*.

Embora os resultados entregues aos ouvintes sejam organizados em vias algorítmicas, é possível observar, na página de queixas referentes ao Spotify Wrapped (SPOTIFY, 2023), as diferentes interações dos usuários em face a resultados não satisfatórios. Eles se apresentam como “irritados”, “descontentes”, com seu “dia arruinado”, porque a plataforma não teria sido capaz de reconhecer o seu gosto musical, seja porque houve uma confusão entre nomes de músicas distintas, seja porque a família também usava a mesma conta do Spotify.

Uma última interação que nos concerne é a utilização de aplicativos, *chatbots* e inteligências artificiais no âmbito do cuidado em saúde mental e seu diagnóstico. Entre os benefícios promovidos pelos meios jornalísticos (CARON, 2022), usuários, discurso científico e pela própria apresentação desses utilitários, citamos: a disponibilidade integral do recurso (CHATBEACON, s.a.; WOEBOT HEALTH, 2024; RUIZ, 2023; COSTA et al., 2022), a neutralidade da plataforma (CHATBEACON, s.a.), serviços de suporte individuais (BRUNO et al., 2021; CHATBEACON, s.a.), preço (HALE, 2023; LANDWEHR, 2023), terapia personalizada (BETTERHELP, 2024) e até mesmo a busca de terapias gratuitas ou de baixo custo (REDD, 2024). Além disso, apesar do aumento de 339% entre 2014 e 2020 em *startups* de saúde mental, segundo pesquisas realizadas em 2020 pela Distrito Health Tech Report (apud ANDRIETTA; DIAS, 2021), há indícios de procura por assistência psicológica na inteligência artificial generativa ChatGPT, uma plataforma não destinada, originalmente, a prestar esse serviço especializado (HALE, 2023; LANDWEHR, 2023; RUIZ, 2023; SALES, 2023).

Adiante, cabe ressaltar o surgimento de *startups* e aplicativos *tinderlike* para encontrar psicoterapeutas, ou seja, aplicativos nos quais a busca de um terapeuta ou psicoterapeuta se dá pela mediação de algoritmos nos quais o sujeito dá *match* no seu terapeuta (FISCHER, 2021). Como psicanalistas, já podemos de cara arguir que a fantasia de encontrar “a pessoa certa” é uma poderosa parte da fantasia do relacionamento romântico, o que, no tocante à busca de um psicoterapeuta, se amplia com a ideia de encontrar alguém ideal para acolher, escutar, enfim, para amparar, como Freud já supunha presente na fantasia envolvendo a experiência religiosa (FREUD, 2014). Ora, mais ainda, a fantasia de que “há relação sexual” nutre muitas modalidades de relacionamento, não à toa o próprio Lacan a contesta com o famoso aforismo *não há relação sexual*, uma vez que a própria intersubjetividade é uma sequência de desencontros com a alteridade. Contudo, nada disso retira a força de vender tais ilusões e, mais ainda, a convicção e, até mesmo, a crença de que tais ferramentas digitais nos dão mais certeza quanto a nossos aspectos identitários, gostos, desejos, ou seja, que elas detêm um saber quase oracular sobre o próprio sujeito, afinal, o que não daríamos para realmente saber? O pacto fáustico sempre está à espreita, e as tecnologias podem se mostrar grandes catalisadores para as mesmas encruzilhadas que conhecemos ao longo de toda a Modernidade.

Assim sendo, desde a música até a busca de um espaço para se escutar na sua singularidade – o que supostamente é o que se procura em uma psicoterapia –, a utilização dessas mídias digitais é atravessada por dois eixos. O primeiro é de viés político: processos de expropriação do capital e a presença de discursos neoliberais que (a)sujeitam os usuários à desapropriação de dados pessoais inseridos nas plataformas. O segundo: as relações políticas e imaginário-simbólicas que sustentam tais interações, as quais nos cabem conjecturar para localizar

o caráter ético epistemológico de tal problemática na psicanálise e recuperar o preço que se paga para além da assinatura ou gratuidade destas tecnologias (FAUSTINO; LIPPOLD, 2023). Parece que a conta para manter nossa fantasia de um outro que *realmente* nos entenda e conheça nossa verdade é bastante antiga e segue na ativa.

FUNDAMENTO POLÍTICO-ECONÔMICO DAS TECNOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS

Este momento da história é denominado por Zuboff (2021) como capitalismo de vigilância. Neste, a experiência humana é transformada em dados de comportamento, os quais são inseridos em processos computacionais, algoritmos, inteligências artificiais, que os convertem em informações preditivas e comercializáveis entre corporações. A autora nos mostra que, ao invés de os usuários se constituírem como objeto, eles são meios para a extração dos verdadeiros insumos, seus dados, na fabricação de produtos de previsão. Assim, sendo um sistema que, um dia, teria se apropriado do trabalho, agora “o capitalismo de vigilância se alimenta de todo aspecto de toda a experiência humana” (ZUBOFF, 2021, s.p.).

Zuboff argumenta que, por meio dos processos de máquina, não apenas essas informações individuais tornam-se predições, como também o comportamento humano passa a ser manipulado com fins comerciais. Esta técnica, como instrumentalização do comportamento, ela nomeia de “poder instrumentário”.

Tanto Flisfeder (2022) quanto Zuboff (2021) concebem as contradições políticas desse funcionamento em uma sociedade liberal. Para o primeiro, a contradição dos valores liberais, entre o aspecto formal do direito de acesso aos bens e a impossibilidade material de atingi-los, é materializada pela priorização do lucro na estruturação de plataformas digitais. Enquanto isso, Zuboff aponta os fins comerciais da rede, os quais destituem quaisquer aspectos socializantes em estar conectado e o caráter peremptório do modelo vigilante que nulifica a autonomia individual em sociedades democráticas.

Entre os mecanismos que possibilitam a vigilância e que interessam à atual produção, destacam-se a renderização (ZUBOFF, 2021), a assimetria (ZUBOFF, 2021; BRUNO et al., 2021) e suas justificativas: a personalização e a customização (ZUBOFF, 2021).

A primeira denomina a passagem de uma experiência efetivamente vivida para um dado algoritmizável. Esta operação é viabilizada pelo segundo mecanismo: as relações assimétricas tanto de poder quanto de conhecimento a respeito do funcionamento do sistema, as quais se materializam entre plataformas e usuários. Por último, estão a personalização e a customização como argumento utilizado, pelas empresas, para exploração de necessidades individuais e perpetuação do fornecimento de insumos comportamentais, o que nos conduz às estratégias do *streaming* musical.

Um dos exemplos apontados na seção anterior, o Spotify, opera semelhantemente a outras mídias ao coletar os dados de seus usuários para fins comerciais, de personalização e para predição comportamental – e, por que não, de gosto. A alienação entre os ouvintes e as informações coletadas, como alienação dos produtos de um trabalho gratuito, possibilita que este conteúdo fortaleça o algoritmo da plataforma, cuja função é criar *playlists* para pessoas com gostos musicais similares. Em outras palavras, submete-se à lógica algorítmica a diversificação e a interação musical, transformando as pessoas em usuários com metadados e – cada vez mais – vinculados à plataforma. Não só, como também

a separação entre os usuários e a informação divulgada, juntamente ao manejo do senso de identidade dos consumidores, possibilita que suas estatísticas retornem a eles como algo novo e os estimule a compartilhar e atrair novos usuários, operação também conhecida como: *Spotify Wrapped* (OWEN, 2023).

Isso vai ao encontro das ideias de Yin e Fu (2021), que evidenciam como este serviço de *streaming* utiliza-se de sua “*brand culture*”: seus logos, bordões – “Música para todo humor” (p. 2657, tradução nossa) – aliados a uma experiência personalizada de usuário – proporcionada pela coleta de dados via inteligência artificial e o seu retorno –, para gerar “*customer experience*”. Este termo, por sua vez, traduz-se em resultados emocionais, em correlação com a marca, produzindo lealdade do consumidor, tendência a aquisições de produtos e à obtenção de novos ouvintes.

Os produtores e artistas também são submetidos ao algoritmo do Spotify e seu trabalho, de maneira distinta, é-lhes usurpado. Aqui, o *Wrapped* concede, aos profissionais da indústria, quantificações e métricas a respeito do número de interagentes para as suas canções. Porém, isso não apenas indiferencia as pessoas que os escutam recorrentemente daquelas que ouviram a faixa apenas uma vez, mas também obscurece a relação de exploração entre o uso da música e o valor pago aos artistas (BRAUN, 2020).

Já nos aplicativos de saúde mental, os dados inseridos também estão sujeitos à extração em “uma economia psíquica dos algoritmos” fomentada pelos investimentos corporativos na captura de dados emocionais, como evidenciado por Bruno et al. (2021, p. 35). Os autores discutem, por meio da análise de dez aplicativos de cuidado psicológico, duas camadas de visibilidade. A primeira e mais superficial, composta pelos discursos presentes nessas tecnologias, revela uma concepção de saúde mental neoliberal, centrada em propostas e técnicas individuais que desconsideram a dimensão histórica de inserção dos sujeitos e visam, por fim, à melhoria pessoal.

Tais discursividades turvam as relações presentes na segunda camada de análise: a efetiva coleta de conhecimento comportamental. Temos assim um exemplo de falta de transparência, o que remete à assimetria de Zuboff (2021): segundo o estudo, apenas oito aplicativos assumem o compartilhamento de informações pessoais com terceiros e apenas dois especificam quais informações são coletadas. Isso aquiesce aos achados de Huckvale et al. (2019 apud COSGROVE et al., 2020), os quais alegam que, entre aplicativos de saúde mental pesquisados, 92% enviam dados para terceiros, porém aos usuários é negada a oportunidade de “escolha informada” (p. 614, tradução nossa) em compartilhá-los ou não.

Embora haja uma diferença de visibilidade entre os extratos de análise, tais mecanismos de vigilância não estariam dissociados dos discursos que propagam e da teoria que os alicerça. As técnicas de monitoramento emocional, por exemplo, disponíveis em 70% dos aplicativos estudados, são mecanismos para inserção, pelos usuários, de conteúdos psicológicos computáveis. Tal como as epistemologias que alicerçam os aplicativos, suas concepções de psiquismo presentes são aquelas que contribuem com a maior geração de dados (BRUNO et al., 2021). Uma das tecnologias que coaduna com essas asserções é conhecida como fenotipagem digital, a qual se fundamenta na interação com a tela, e foi utilizada para diagnosticar depressão, como um aplicativo declarava, “antes que você soubesse” (METZ, 2018 apud COSGROVE et al., 2020, p. 615, tradução nossa).

Ainda que essas informações tenham sido resultantes de pesquisas científicas que provam a falta de clareza relacionada às políticas de privacidade, os aplicativos de saúde mental permanecem operativos. Zuboff (2021) ressalta as consequências legais dos vazamentos de informação realizados por profissionais, cuja ética é permeada pelo sigilo, em oposição à falta de consequências para as empresas de capital privado. Tal panorama concerne às reflexões de Gregoire Chamayou ao interrogar de quem é a responsabilidade quando estamos diante de ações que são executadas, em sua maioria, por inteligências artificiais. Em seu *Teoria do drone* (CHAMAYOU, 2015), o filósofo francês levanta questões fundamentais sobre jurisprudência, responsabilidade de Estado e ética envolvendo dispositivos de guerra comandados à distância e/ou por inteligências artificiais. Como exemplo, quem pode ser responsabilizado e eventualmente penalizado em caso de assassinato de civis cometido por armas comandadas por inteligências artificiais, como os drones estadunidenses que há quase duas décadas tornaram-se ferramenta essencial das invasões e guerras fomentadas pelos Estados Unidos da América, especialmente no Oriente Médio? Cabe refletir sobre a responsabilidade do Estado mandante, da empresa que desenvolveu a tecnologia, dos criadores do código-fonte, dos operadores à distância.

O artista Omar Fast produziu o vídeo *5000 feet is the best*, de 2011 (FAST, 2015), parte de uma exposição (JEU DE PAUME, s.a.) na qual discutia os efeitos psicológicos das guerras e invasões: seria possível pensar em uma categoria análoga à de *transtorno de estresse pós-traumático* para pilotos que operam drones à distância, descrevendo seu trabalho, tecnicamente, de forma muito próxima ao ato de jogar videogame? Como fica sua relação com a realidade dos efeitos dos aparelhos que operam? Além disso, como entender as consequências psíquicas do que vivem e de como agem, julgam e concebem o que fazem? Tais discussões compreendem camadas de complexidade da relação entre as tecnologias, nossas legislações nacionais e internacionais, e também de uma própria discussão de fundo bioético ou, como sugeriu Antonio Negri, a entrada em uma era de biocapitalismo (NEGRI, 2015).

Ampliando a discussão sobre o capitalismo de vigilância e a conversão do vivido em binário, as tecnologias não apenas colocam desafios à privacidade e à esfera legal, como também produzem relações imaginário-simbólicas que sustentam o uso dessas plataformas digitais. Suas estratégias de predição, personalização e montagem de aplicativos delegam outra posição ao analista, quando é efetivamente buscado, e mantêm, enredados aos aplicativos, aqueles que interrogam as tecnologias a respeito de seu sofrimento ou esperam dela um reconhecimento identitário. Esse ponto costuma ser um dos primeiros balizadores da *suposição de saber no analista* e de como tal relação alienante é constitutiva da transferência.

Para adentrar ainda mais a seara da psicanálise, subverte-se a seguinte frase encontrada em uma das pesquisas relacionadas ao impacto das plataformas de saúde: “as HealthTechs são muito eficientes quanto ao atendimento das demandas” (ANDRIETTA; DIAS, 2021, s.p.). Trabalhamos desde Freud (1996) com a abstinência do analista como um dos eixos de ruptura da psicanálise em relação às técnicas de sugestão e hipnose e mesmo em comparação com as outras modalidades de laço presentes no tecido social. Ora, o que distingue a psicanálise – no que mais tarde Lacan apontaria como sendo um dos traços do discurso analítico (LACAN, 1992) – é a possibilidade de não responder por aquilo que nos é demandado e o que parece uma necessidade, especialmente em termos afetivos. Com isso, a postura do analista é de colocar-se enquanto um objeto

com o qual o sujeito pode emergir ao lidar com suas frustrações, projeções, experiências de recusa, num complexo jogo simbólico-imaginário que constitui a experiência da transferência. De modo a tratar esse tópico, precisamos então tratar mais precisamente da relação entre a psicanálise e o espaço digital.

A PSICANÁLISE E O DIGITAL

Para dar devido relevo às questões que viemos circunscrevendo neste trabalho e cujo horizonte aponta para uma hipótese metodológica prévia, a do *sujeito algorítmico*, se é viável ética-epistemologicamente falar dele em psicanálise, vamos nos próximos parágrafos continuar as construções feitas nas seções anteriores a propósito da relação entre humanos e as máquinas e tecnologias virtuais e o quanto estas podem induzir e introduzir mudanças em nossas formas de lembrar, sentir, pensar e agir. Na seção prévia, ao introduzirmos as modalidades de aplicativos voltados às questões de saúde geral, saúde mental e psicoterapia, pudemos afrontar dois decalques relevantes: 1) trata-se de uma fantasia de encontrar um par capaz de saber, escutar e conhecer a propósito do sujeito (ou do eu); 2) há uma sobredeterminação em relação ao efeito de *sujeito suposto saber* da transferência, uma vez que na relação com os aplicativos e máquinas (digitais e/ou virtuais) que realmente saibam sobre o sujeito, o fator sugestão (e o que dela decorre, a fascinação e o efeito hipnótico) ganha direito de sítio, entretanto, a transferência fica reduzida a seus efeitos imaginários, com sua valência simbólica sendo literalmente implodida.

Esses dois decalques acabam sendo regentes, nos parece, de grande parte dos fenômenos envolvendo o mundo digital, as redes sociais e, particularmente, a própria modulação da subjetividade presente na relação entre sujeito e algoritmos. Viemos nos últimos anos vivenciando diretamente, na sociedade e em nossos espaços de prática clínica, o poder alienante desses efeitos, passando das consequências da presença das *fake news* na política e na gestão de práticas e populações, da opressão e despersonalização experimentadas pelo uso de redes sociais e da passagem em larga escala de pessoas que podem ter e exercer cidadania para consumidores que geram metadados, dão *likes* e consomem conteúdos – o que chegou inclusive a popularizar a expressão *maratonar*, o que é bastante intrigante, uma vez que o princípio de uma maratona, enquanto atividade esportiva, é algo que exige um esforço enorme, diferentemente do maratonar conteúdo, como uma série televisiva, o que passa muito mais uma ideia de passividade; ainda, outra expressão que vem ganhando notoriedade é a de *doomscrolling*, que é o ato de passar uma quantidade massiva de tempo indo de notícia a notícia, post a post, sempre com conteúdo negativo, nocivo, macabro ou conspiracionista. Esse termo, aliás, refere-se à expressão *scrolling*, que é esse efeito de ir descendo infinitamente numa rede social ou em um aplicativo de notícias, um efeito de software bastante recente. Seu criador, Aza Raskin, afirma hoje lamentar profundamente tê-lo inventado (BBC NEWS BRASIL, 2018).

Intuímos então que uma tão ampla gama de fenômenos pode ser investigada pela psicanálise a partir da chave da relação entre o eu e o outro, no que diz respeito aos fenômenos inconscientes de tais encontros, notadamente quando nos referimos a nossas projeções e duplos (narcísicos), o que é o caso dos avatares com os quais nos relacionamos na esfera do digital. Uma passagem obrigatória nesse contexto é a experiência do *estranho*, destacada por Freud em um ensaio no qual o problema do duplo e mesmo de nossa relação com a tecnologia aparece (FREUD, 2019).

Ao discutir o conto fantástico de E.T.A. Hoffmann, *O homem de areia*, e experiência que ele mesmo, Freud, teve em algumas de suas viagens, experiências de encontro e desencontro com a própria imagem e com sensações de conhecido-desconhecido, o que aparece em jogo é uma modalidade de aparecimento do inconsciente na forma da sensação de *familiaridade*, de *incômodo*, a do estranhamento. Em nossa leitura, é bastante sagaz a escolha de Freud por um conto fantástico que alia tanto um tema mitológico da modernidade, o da alquimia, a discussões próprias da virada do século XIX para o XX quando a assunção da tecnologia no espaço urbano e psíquico se dava como uma evidência esmagadora: cada vez encontraríamos mais artefatos construídos – máquinas, aparelhos – que imitavam funções humanas e até mesmo a aparência e o comportamento de humanos. É por isso que a narrativa em questão é tão profundamente marcante, tal como o é uma miríade de novelas, filmes e outras produções de ficção científica. Assim, como sugerem Mano et al. (2019), a proliferação da figura do autômato no panorama cultural e psíquico das últimas décadas – mais de um século e meio, ao menos – parece desvelar, através da ficção, a condição maquinica do sujeito contemporâneo, naquilo que hipotetizamos como uma sentença que nos permite falar da hipótese do *sujeito algorítmico*. Como então a psicanálise trata de tal fenômeno?

SUPOSIÇÃO DE SABER E INTERPASSIVIDADE

Precisamos aqui retomar a discussão sobre os dados produzidos por plataformas digitais como as citadas acima. Diante do panorama político social do uso digital há, de um lado, uma tentativa probabilística de antecipar possíveis necessidades e criar conteúdo personalizado a partir de dados e mecanismos probabilísticos. De outro, há uma “sensação” de que a plataforma sabe a respeito dos gostos dos usuários (OWEN, 2023), da escolha de seu terapeuta, das formas de alívio do sofrimento, ou mesmo, como sentença Zuboff (2021), sobre sua verdade.

Não há uma unicidade entre as formas de estabelecer a relação entre o maquinário e seres humanos a partir da psicanálise. Porém, partimos do princípio de que às máquinas – compreendidas aqui como as plataformas digitais, *chatbots*, mídias de entretenimento e de saúde mental – é suposto um lugar de saber em sua interação com os usuários.

Para Black (2022), a eleição desse lugar para um Outro algorítmico seria uma expressão da posição de um sujeito histórico. Tal asserção constitui a sua crítica ao documentário *O dilema das redes* (O DILEMA, 2020) e seu recurso à teoria do capitalismo de vigilância, uma vez que este viés limitar-se-ia a designar o Outro digital como sujeito suposto saber a partir de um algoritmo sem falta.

Para o autor, a alternativa à suposição de saber existiria, apenas, como uma das possibilidades diante do questionamento do sujeito histórico em relação ao saber do Outro sobre o seu próprio desejo, uma hipótese que se apoia na teoria da interpassividade. Para ele, a própria dúvida que constitui a questão histórica seria suficiente para manter uma crença a respeito do Outro algorítmico, uma vez que o princípio da crença se ancora nas inconsistências visadas como falta no Outro. Assim, embora saibam-se das falhas algorítmicas, demonstradas, inclusive, pela crítica social e política, seria justamente por sabê-las que os usuários permaneceriam conectados – literalmente – ao algoritmo (BLACK, 2022).

Essa estrutura interpassiva – nas palavras de Van Oenen (2008, p. 1, tradução nossa) “como gozar e crer a partir de um outro” – poderia resultar em duas possibilidades. Na primeira há uma delegação para que um Outro saiba pelo usuário. Isso reforça sua hipótese de que a suposição não se mantém pelo saber, mas, sobretudo, por uma crença. Como segunda alternativa, o usuário atestaria a impossibilidade de representar o objeto causa de desejo, sobre o qual exige-se um saber pelo sujeito histórico e conduzir-se-ia ao amor à mídia social, um amor direcionado ao caráter impossível e insondável do Outro.

Essa teoria da interpassividade é uma forma de conceber as interações tecnológicas. Uma teoria cunhada a partir de instalações de arte que perderam o caráter interativo e incorporaram um processo autorrealizável em sua exibição, transferindo ao espectador um lugar passivo. Algo semelhante aconteceria em outras formas contemporâneas de entretenimento como, por exemplo: em séries de televisão, *sitcoms*, nos quais foi incorporada a risada dentro do próprio show; quando são gravados programas para serem assistidos, mas que nunca vem a luz do dia; ou até mesmo fotocopiar inúmeras páginas de um livro sem tê-las lido. Há aqui, para Zizek e Pfaller (1997; 2002 apud VAN OENEN, 2008), certo prazer em delegar um gozo ao outro, e o segundo autor alude ao mesmo fenômeno na função do coro no teatro grego, que experiencia algo no lugar da plateia, como observado por Lacan em seu sétimo seminário (PFALLER, 2017).

Essa terceirização de gozo e prazer não é unânime entre diferentes autores. Van Oenem (2008), por exemplo, estabelece uma crítica à concepção de interpassividade, uma vez que, para ele, não seria delegada a passividade de um espectador, ou o seu prazer, mas uma atividade, a partir de um mundo conectado que demanda um excesso de interação.

Essa última hipótese converge com os diversos mecanismos nos quais o usuário permite à máquina desempenhar ativamente algo em seu lugar, tal como a mais recente atualização da Apple. Nesta, o usuário aceita que a tecnologia zele pela segurança de seus dados pessoais a partir de mecanismos de autenticação (biometria e reconhecimento facial) eliciados pela localização não usual do aparelho telemóvel, como, por exemplo, em caso de furto (APPLE, s.a.). Assim, ainda que haja à disposição do usuário mecanismos de bloqueio remoto do aparelho, em troca da localização pessoal – de uma cessão de conteúdo – confere-se a responsabilidade ao aparelho de assegurar a privacidade dos dados presentes no celular.

A interpassividade, portanto, é uma forma de interpretar a maneira como, apesar do conhecimento a respeito dos algoritmos, delegamos a eles muitas atividades e neles supomos um lugar de saber por nós. Porém, isso não explica como o sofrimento é direcionado pelo usuário a essas tecnologias, a partir de qual lugar elas respondem às demandas a elas direcionadas e a insatisfação da não correspondência às suas expectativas.

SUPOSIÇÃO DE SABER E TRANSFERÊNCIA

Por isso, para elaboração de nossa hipótese, partimos do inconsciente estruturado como uma linguagem, da qual a linguística ofereceu modelo combinatório e pré-subjetivo que confere ao primeiro a sua estrutura (LACAN, 1988). Esta estrutura de linguagem é dotada de duas ordens, a primeira como significante: ordem combinatória de fonemas, destituída de sentido intrínseco; e a segunda, enquanto significado, em que, como efeito do significante, para pre-

sentificar-se é necessária a instituição de um sujeito do inconsciente (LACAN, 1998).

Este, como indeterminado, estabelece relações lógicas de alienação e separação, a partir do significante, com o Outro “lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito” (p. 193). Aqui, a posição do sujeito faz-se como indeterminada em relação ao lugar do significante de onde ele pode se constituir, o que se expressa em seu véu lógico de alienação, como conceitua Lacan. Neste, o sentido pelo qual pode-se manifestar o sujeito, enquanto efeito do significante, é decepado de seu caráter de não senso. Ou seja, se, de um lado, ele pode presentificar-se como sentido, de outro, ele o faz como afânise, desaparecimento. Assim, é-lhe vedada uma identidade no campo significante e lhe é possibilitado um lugar na hiância (LACAN, 1988).

O segundo véu dessa relação define-se como a separação, na qual o sujeito apreende a falta nas brechas discursivas do Outro. Isso se realiza a partir do desconhecimento do desejo do Outro que institui o desejo do sujeito, cujos objetos se dialetizam, e promove-se a junção de seu(s) desejo(s). É justamente a partir desses intervalos, portanto, que advém o movimento metonímico do desejo como deslizamento da cadeia significante.

Como um sujeito indeterminado que anseia pela sua certeza, temos aqui, para Lacan, aquilo a que o analista tem acesso por meio da transferência. Em sua entrada em análise, o sujeito faz do analista objeto da transferência ao supô-lo *sujeito suposto saber*, ponto de onde o paciente se olha a partir do seu ideal do eu, instância simbólica de validação de uma determinada imagem.

Entretanto, como afirma Pisetta (2011), há outra forma de retomar o conceito de “sujeito suposto saber” e o seu caráter dúbio. Outra vertente para concebê-lo seria a sua referência, não ao analista posicionado como Outro, mas ao próprio sujeito como suposto e o saber não sabido que nele se realiza, o que contraria a perspectiva de alicerçar a transferência em seu efeito imaginário de sentido, em destinar o saber a um lugar. Já seu aspecto ambíguo, este reside entre o verbo “saber” transitivo, como algo possível de dizer em análise, e sua modalidade intransitiva: algo que não aceitaria um complemento, que não houvesse *um* (complemento) possível (PORGE, 1996 apud PISETTA, 2011).

Desde que haja sujeito suposto saber há transferência, como destaca Lacan (1988). Essa faz-se como atualização da realidade do inconsciente, realidade esta sexual, cuja relação com as manifestações do inconsciente ocorre através do desejo, resto metonímico que permanece sob a demanda articulada em significantes. Por constituir-se como sujeito de desejo, o amor – promessa de restituição do ser – surge como efeito da inadequação entre o objeto no analista depositado, a partir da suposição de saber, e a falta constituinte no sujeito (MEES; POLI, 2020; GOBATTO, 2001; BROUSSE, 2017a).

Essa consequência do tratamento, Lacan a designa junto a Freud como resistência.

Que maneira melhor de se garantir, sobre o ponto em que nos enganamos, do que persuadir o outro da verdade do que lhe adiantamos! Não está aí uma estrutura fundamental da dimensão do amor que a transferência nos dá ocasião de imajar? Ao persuadir o outro de que ele tem o que nos pode completar, nós nos garantimos de poder continuar a desconhecer precisamente aquilo que nos falta (LACAN, 1988, p. 128).

É na forma como lhe confere prazer em ser visto que o sujeito espera obter o amor, ao causar o fechamento do inconsciente em sua dimensão de pulsação temporal e obnubilar a dimensão faltante. Dessa forma, como ressalta Pisetta (2011), o amor faz-se como sintoma diante da castração.

É por meio dessa associação entre suposição de saber e a relação amorosa que percebemos algumas das relações digitais às quais aludimos. Como Owen (2023) destacou em seu artigo, não apenas ele supunha que o Spotify pudesse conhecer os seus gostos musicais, como também era por meio deste que ele elegia uma imagem de si, a qual deveria ou não ser vista, pela sua comunidade, em sua lista de músicas mais ouvidas emitida pelo *Wrapped*. Dunker (s.a.) observa o mesmo ideal instituído no lugar das máquinas, através do qual elas assumem nossas versões acabadas, embora o autor alie essa imagem a uma composição paranoica.

Entretanto, tendo em vista a resposta das mídias digitais à demanda amorosa de seus usuários, não é possível afirmar que a transferência é, aqui, instrumentalizada para fins de condução da análise.

Para Lacan, seria a transferência responsável por desviar, a partir da pulsão – “montagem pela qual a sexualidade participa da vida psíquica” (LACAN, 1988, p. 167) –, a demanda. A pulsão, como montagem, integra ao inconsciente a realidade sexual por meio do jogo significante a partir de uma relação de demanda com o Outro. O que resta dessa demanda e sua relação com uma tal necessidade é aqui chamado de desejo (BROUSSE, 1997b).

Essa demanda é articulada pelo paciente ao analista e às mídias digitais, tal como um pedido, cuja inexistência de um objeto que lhe possa satisfazer é constituinte. Porém, a partir do desejo do analista, por conseguinte, visa-se, no tratamento, a distanciar “o ideal do eu” do “objeto *a*”, daquilo que institui o princípio causal do sujeito desde a falta e que é colocado no lugar do analista, sobretudo, um vazio (LACAN, 1988; GOBATTO, 2001).

Esse processo é esclarecido por Anne Dummond (1997). Ela mostra a diferença entre o analista encarnar o objeto que o sujeito lhe atribui a partir de seu ideal, em uma relação de tapeação amorosa, e o analista “ocupar o lugar do objeto que causa desejo” (DUMMOND, 1997, p. 261). Na primeira posição há uma realização de satisfação por meio da fantasia, ao passo que na segunda há renúncia ao objeto. Confere-se a passagem de uma posição à outra ao reduzir a tentativa de identificação e de atingir o objeto de desejo às suas impossibilidades, o que presentifica a sua falta.

Aqui a interpretação, da qual faz uso o analista, tem por objetivo evidenciar o caráter *nonsense* dos significantes aos quais o sujeito permanece alienado. Porém, se ela não possui o efeito desejado, isso deve-se, segundo Lacan, à afânise do sujeito decorrente da relação entre o significante mestre (S1) e outros significantes (S2), significante binário que o autor remete ao representante representativo de Freud (LACAN, 1988). Por esse motivo, Brousse (1997b) cita a necessidade de desvelar a fantasia fundamental em análise, justamente para que a intervenção vise que o vazio interprete a demanda do Outro presente na articulação da pulsão. Portanto, passa-se ao estatuto do objeto enquanto nada, a partir da queda de um objeto como demanda do Outro.

Esse ponto de viragem entre os dois tipos de amor é visado por Black (2022) em seu artigo a respeito da interpassividade e sua relação com a tecnologia. Porém, diferentemente de algo que ocorra durante o tratamento, para o

autor, ele ocorreria por uma sociabilidade de crença fundada na impossibilidade da tecnologia inscrever o objeto de desejo.

A tecnologia, portanto, como lugar a partir do qual são respondidas as demandas que lhe são direcionadas, oferece meios para o sujeito alienar-se em suas relações com o seu ideal a partir dos mecanismos de personalização e de antecipação de “necessidades”. Isso é evidenciado nas fantasias de terapeutas humanos e algorítmicos (*chatbots* e ChatGPT) compreensivos, neutros e sempre disponíveis, tal como nas identidades musicais *prêt-à-porter*.

Nos indícios de que esta relação não lhe é amorosa, de que ela não passa de uma relação algorítmica, que, por sua vez, relaciona-se apenas com números, probabilidade e com o caráter *nonsense* da linguagem, revela-se a frustração do usuário. Em alguns dos comentários do *Wrapped* de 2023, é possível observar um grande número de pessoas que se queixam de terem sido “vistas”, pela plataforma, escutando uma música ou *playlist* que não reconhecem. Tal engano ocorreu em decorrência do nome da música que também aparece em outros contextos. Em vez de essa relação de engano com o sentido ocasionar um reconhecimento característico do chiste, quando o significado dista da rede de empregos do significante consagrada pelo discurso (LACAN, 1999), há uma relação de frustração diante da demanda, o que conduz um dos usuários a questionar a capacidade da máquina de ler ao personificá-la. Portanto, ao introduzir um novo sentido qualquer, longe de produzir a dimensão *nonsense* do significante, pleiteia-se o reconhecimento de uma imagem que o usuário lhe adiantou no uso da plataforma, como relembra Gobbato (2001, p. 111): “O sujeito recusa-se a que o Outro não saiba, em outras palavras, que falte ao Outro”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentamos nestas páginas rastrear alguns dos fenômenos contemporâneos relativos à experiência do sujeito em sua relação com as tecnologias digitais, mais precisamente com os algoritmos enquanto modalidades de operação que produzem um retorno sobre o próprio usuário. Tal retorno, seja em plataformas de escuta musical, seja de dados de saúde mental ou quanto a gostos e características, vem se tornando um traço presente e predominante na interface de nossa relação com a tecnologia. Podemos mesmo dizer que o coração de nossa conexão com a tecnologia, na atualidade, dá-se a partir de uma experiência de desvelamento do íntimo do sujeito, o que vai desde seus gostos, rastreamento de seus hábitos, até a compilação de informações sobre suas experiências, interações, etc., gerando uma suposição de saber cujo Outro aparece como um algoritmo capaz de desvelar uma verdade sobre o sujeito.

A título provisório, decantamos tal experiência, a qual, psicanaliticamente, pensamos ser uma face contemporânea da experiência de *estranho*, tal como descrita por Freud (2019), que nomeamos como sendo a de *sujeito algorítmico*. Nisso figura uma espécie de registro de um verdadeiro avatar êxtimo do sujeito, o qual é suposto carregar sua verdade. Na parte final do trabalho, desenvolvemos o mecanismo de suposição e de interpassividade no qual essa operação parece se basear. Consideramos que se trata de um desafio ético-epistemológico e sobretudo político para a psicanálise, haja vista que o neoliberalismo e a mercantilização da política vêm produzindo uma redução do escopo da liberdade – de desejar, escolher, pensar, sentir –, cuja esfera biodigital vem surgindo como poderosa e com recursos imensos.

REFERÊNCIAS

- ANDRIETTA, Evelize; DIAS, Rafael. Um estudo sobre health techs brasileiras: reflexão sobre os avanços e impactos da tecnologia digital na promoção de saúde mental e bem-estar. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNICAMP, 29., 2021, Campinas. *Anais...* 2021. Disponível em: <https://proceedings.science/unicamp-pibic/pibic-2021/trabalhos/um-estudo-sobre-health-techs-brasileiras-reflexao-sobre-os-avanços-e-impactos-da?lang=pt-br>. Acesso em: 1 fev. 2024.
- APPLE. *Sobre a proteção de dispositivo roubado para iPhone*. s.a. Disponível em: <https://support.apple.com/pt-br/HT212510>. Acesso em: 8 mar. 2024.
- BBC NEWS BRASIL. *Quatro truques de design que nos tornam viciados em celulares*. 1 jul. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-44673929>. Acesso em: 8 mar. 2024.
- BETTERHELP. *About us*. 2024. Disponível em: <https://www.betterhelp.com/about/>. Acesso em: 9 fev. 2024.
- BLACK, Jack. 'Love thy social media!': Hysteria and the interpassive subject. *CLCWeb: Comparative Literature and Culture*, v. 24, n. 4, p. 1-10, 2022. Edição especial: Platform Psychoanalysis. Disponível em: <https://docs.lib.purdue.edu/clcweb/vol24/iss4/4/>. Acesso em: 20 fev. 2024.
- BRAUN, Terrance Andrew. *"Dance like nobody's paying": Spotify and surveillance as the soundtrack of our lives*. 2020. Dissertação (Mestrado em Artes) – Western University, Londres, 2020. Disponível em: <https://ir.lib.uwo.ca/etd/7001>. Acesso em: 9 fev. 2024.
- BROUSSE, Marie-Hélène. Pulsão I. In: FELDSTEIN, Richard; FINK, Bruce; JAANUS, Maire (Orgs.). *Para ler o Seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997a. p. 115-124.
- BROUSSE, Marie-Hélène. Pulsão II. In: FELDSTEIN, Richard; FINK, Bruce; JAANUS, Maire (Orgs.). *Para ler o Seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997b. p. 125-133.
- BRUNO, Fernanda et al. "Tudo por conta própria": autonomia individual e mediação técnica em aplicativos de autocuidado psicológico. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 33-54, 2021. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/2205>. Acesso em: 1 fev. 2024.
- CARON, Christina. How to find a mental health app that works for you. *The New York Times*, 13 abr. 2022. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2022/04/13/well/mind/mental-health-apps-therapy.html>. Acesso em: 8 mar. 2024.
- CHAMAYOU, Gregoire. *Teoria do drone*. Trad. de Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac & Naify, 2015.
- CHATBEACON. *ChatBeacon teams up with ChatGPT: the dynamic duo of digital chat platforms*. s.a. Disponível em: <https://www.chatbeacon.io/blog/chatbeacon-teams-up-with-chatgpt-the-dynamic-duo-of-digital-chat-platforms>. Acesso em: 9 fev. 2024.
- COSGROVE, Lisa et al. Psychology and surveillance capitalism: the risk of pushing mental health apps during the COVID-19 pandemic. *Journal of Humanistic Psychology*, v. 60, n. 5, p. 611-625, 2020. Edição especial: COVID-19. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0022167820937498>. Acesso em: 9 fev. 2024.
- COSTA, João et al. Use of mental health support apps in times of the COVID-19 pandemic. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 6, p. 1-15, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/28562>. Acesso em: 30 jan. 2024.
- DUMMOND, Anne. O término de análise I. In: FELDSTEIN, Richard; FINK, Bruce; JAANUS, Maire (Orgs.). *Para ler o Seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

DUNKER, Christian. Paranoia sistêmica. *Cult*, São Paulo, s.a. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/paranoia-sistemica/>. Acesso em: 20 fev. 2024.

FAST, Omar. 5000 feet is the best. *YouTube*, 7 jun. 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=K-8dW1dg7KY&t=97s&ab_channel=bagheera. Acesso em: 8 mar. 2024.

FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. *Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana*. São Paulo: Boitempo, 2023.

FISCHER, Molly. The therapy-app fantasy: an overwhelming demand for counseling has spawned slickly marketed companies promising a service they cannot possibly provide. *The Cut*, 29 mar. 2021. Disponível em: <https://www.thecut.com/article/mental-health-therapy-apps.html>. Acesso em: 8 mar. 2024.

FLISFEDER, Matthew. Platform psychoanalysis: what does the algorithm want? *CLCWeb: Comparative Literature and Culture*, v. 24, n. 4, p. 2-6, 2022. Edição especial: Platform Psychoanalysis. Disponível em: <https://doi.org/10.7771/1481-4374.4389>. Acesso em: 4 fev. 2024.

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. In: FREUD, Sigmund, *Inibição, sintoma, o futuro de uma ilusão e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. *O infamiliar, seguido de O homem da areia de E.T.A. Hoffmann*. Edição bilíngue comemorativa. São Paulo: Autêntica, 2019.

FREUD, Sigmund. Observações sobre o amor transferencial. In: FREUD, Sigmund. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911-1913)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 177-188.

GOBATTO, Gilberto. Transferência: amor ao saber. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 103-114, jun. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982001000100007>. Acesso em: 21 fev. 2024.

JEU DE PAUME. *Le présent continue* (exposição de 20 de outubro de 2015 a 24 de janeiro de 2016, em Paris, França). s.a. Disponível em: <https://jeudepaume.org/evenement/omer-fast/>. Acesso em: 8 mar. 2024.

HALE, Erin. ChatGPT is giving therapy. A mental health revolution may be next: the prospect of AI treating mental illness is raising a myriad of ethical and practical concerns. *Aljazeera*, 27 abr. 2023. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/economy/2023/4/27/could-your-next-therapist-be-ai-tech-raises-hopes-concerns>. Acesso em: 2 mar. 2024.

HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas formas de poder*. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2020.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: *Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O seminário*. Livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1999.

LACAN, Jacques. *O seminário*. Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

LACAN, Jacques. *O seminário*. Livro 17: o avesso da psicanálise. RJ: Jorge Zahar Editor, 1992.

LANDWEHR, Julia. People are using ChatGPT in place of therapy – What do mental health experts think? *Health*, 13 maio 2023. Disponível em: <https://www.health.com/chatgpt-therapy-mental-health-experts-weigh-in-7488513>. Acesso em: 9 fev. 2024.

MANO, Gustavo; WEINMANN, Amadeu; MEDEIROS, Roberto Henrique Amorim. A paixão pelo autômato: a condição maquínica. *Psicologia em Revista*, v. 24, n. 2, 506-523, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9563.2018v24n2p506-523>. Acesso em: 8 mar. 2024.

EM PAUTA

MANOHAR, Tejas. The science behind Spotify Wrapped: tracking 500M users. *Hightouch*, 30 nov. 2023. Disponível em: <https://hightouch.com/blog/how-spotify-wrapped-works>. Acesso em: 9 fev. 2024.

MEES, Lúcia; POLI, Maria. O feminino e o final de análise: vicissitudes do ideal do eu no trabalho de uma análise. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 100-108, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/jhBJjskgCG-98NZGWLpZPctt/>. Acesso em: 20 fev. 2024.

MOURNIER, Pierre. Manifeste des Digital Humanities. *Journal des anthropologues*, p. 447-452, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/jda.3652>. Acesso em: 4 fev. 2024.

NEGRI, Antônio. *Biocapitalismo*. São Paulo: Iluminuras, 2015.

O DILEMA das redes (The social dilemma). Direção: Jeff Orlowski. Estados Unidos: Exposure Labs, 2020. Disponível on-line em serviço de streaming.

OWEN, Charles. Commodifying taste: an autoethnography of free labour, exploitation and alienation on Spotify. *New Explorations: Studies in Culture and Communication*, v. 3, n. 1, 2023. Disponível em: <https://jps.library.utoronto.ca/index.php/nexj/article/view/40581>. Acesso em: 5 fev. 2024.

PFALLER, Robert. *Interpassivity: the aesthetics of delegated enjoyment*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2017.

PISETTA, Maria. O sujeito suposto saber e a transferência. *Revista Digital AdVerbum*, v. 6, n. 1, p. 64-73, jan./jun. 2011. Disponível em: http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/adverbum/vol6_1/06_01_05sujeitosupostosaber.pdf. Acesso em: 21 fev. 2024.

POE, Edgar Allan. O jogador de xadrez de Maelzel. In: POE, Edgar Allan. *Histórias extraordinárias*. São Paulo: Abril, 1981.

REDD, Nancy. The online therapy services we'd use. *Wirecutter*, 9 fev. 2024. Disponível em: <https://www.nytimes.com/wirecutter/reviews/online-therapy-services/>. Acesso em: 8 mar. 2024.

ROSA, Miriam Debieux. *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: Fapesp/Escuta, 2016.

RUIZ, Rebecca. 3 things to know before talking to ChatGPT about your mental health, *Mashable*, 30 jan. 2023. Disponível em: <https://mashable.com/article/how-to-chat-with-chatgpt-mental-health-therapy>. Acesso em: 9 fev. 2024.

SALES, Gabriella. Jovens usam ChatGPT como psicólogo em busca de conversa sem julgamentos. *Folha de São Paulo*, 15 abr. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrio/2023/04/jovens-usam-chatgpt-como-psicologo-em-busca-de-conversa-sem-julgamentos.shtml>. Acesso em: 9 fev. 2024.

SPOTIFY. *2023 Wrapped*. 2023. Disponível em: <https://newsroom.spotify.com/2023-wrapped/>. Acesso em: 9 fev. 2024.

SPOTIFY. *Your 2023 Wrapped feedback thread*. 24 out. 2023. Disponível em: <https://community.spotify.com/t5/Your-Library/Your-2023-Wrapped-feedback-thread/td-p/5656800>. Acesso em: 8 mar. 2024.

TURING, Alan. Computing machinery and intelligence. In: HOFSTADTER, Douglas; DENNET, Daniel. (Org.). *The mind's I. Fantasies and reflections on self and soul*. Nova York: Bantam Books, 1981. p. 53-68.

VAN OENEM, Gijs. Interpassivity revisited: a critical and historical reappraisal of interpassive phenomena. *International Journal of Zizek Studies*, v. 2, n. 2, p. 1-16, 2008. Disponível em: <https://www.zizekstudies.org/index.php/IJZS/article/view/80>. Acesso em: 20 fev. 2024.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Vozes, 2014.

WOEBOT HEALTH. *Woebot Health*. 2024. Disponível em: <https://woebothealth.com/>. Acesso em: 9 fev. 2024.

YIN, Shukun; FU, Lintong. The effectiveness of brand culture on customer engagement. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON ECONOMIC MANAGEMENT AND CULTURAL INDUSTRY, 3., 2021. *Proceedings of the 2021 3rd International Conference on Economic Management and Cultural Industry*, v. 203, p. 2653-2659, dez. 2021. Disponível em: <https://www.atlantis-pess.com/proceedings/icemci-21/125966166>. Acesso em: 9 fev. 2024.

ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder*. Trad. de George Schlesinger. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.